

São tão simples os homens que o que quer enganar outro encontra sempre alguém que a tanto se presta.

Maquiavelo

ANO V — N.º 100  
JANEIRO  
13  
1957

# A Voz de Loulé!

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
Telefone 1-4

FARO

DIRECTOR

JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO

JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRAFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Telefone 216



## Ou Sagres ou... o Bugio!

A notícia de desistência da erecção, em Sagres do monumento ao Infante ex-de Sagres, teve repercussão diversa conforme as regiões do País.

A grande parte da imprensa algarvia deu a notícia em 3 secas linhas sem comentário, o que quer dizer: ou o propósito indiferentismo (o amor paga-se com amor...) ou índice do «Maria vai com as outras», tão perigoso em civilidade como... no resto, e por que a massa algarvia se vai deixando dominar.

Certa imprensa de outros sítios, que aprovou, e até aplaudiu, a escolha do Promontório quando ela foi decidida por decreto, com relatório justificativo, assinado por todos os ministros e referendado pelo Presidente da República e que foi revogado pelo Conselho de Ministros, voltou agora a achar sítio bizarro a magestosa rocha onde a terra acaba e o mar começa.

E embora o prato de resistência seja «o fóra de mão» em que está Sagres, há quem proponha, em artigo no «Diário Popular»,

que o monumento seja levantado nada mais nada menos que... no Bugio!

Parce-nos que aí estaria não só fóra de mão como também «fóra de pé», porque se a Sagres ainda o português pode ir de automóvel, de carroça, de bicicleta e até a pé, para ver o monumento, no Bugio teria de alugar uma canoa e esperar por bom tempo, exigências mais do que suficientes para mandar bugiar a visita mais... o jornalista que, sem ofensa à memória sacrossanta do Grande Príncipe, o quer mandar para o Bugio.

E daí... o que era preciso era tirar o monumento ao Algarve e os detatores de Sagres ganharam, não porque não gostem de Sagres, mas porque o que interessava era puxar o monumento para o norte... Sempre há comboios, que é coisa que não temos.

Ainda havemos de ver a Batalha transferida para o Rossio e a mata do Bussaco enquadrada no Jardim da Estrela... a menos que o Terreiro de Paço mude bastante para o Norte.

### Corrente calamo

### Sob o signo de Marte

É um hábito trazido pela Civilização assinalar a passagem do ano com manifestações de algarria. Trata-se como que de celebrar um aniversário do próprio Tempo, digamos, os Anos dos próprios anos.

E porque o tempo é comum a toda a gente, todos, pelo simples facto de existirem, sentem ser seu o momento que celebra a existência. Momento que, aliás, em bom vigor aqui não existe, pois, quando se passa de um ano para o outro, apenas se liga dois pontos consecutivos e incisivos da mesma realidade temporal.

Passagem é apenas essa ligação, tão ténue que só na imaginação existe e sem autonomia para nelas se poder viver.

Com mais ou menos (ou sem) propriedade, no entanto, só nos resta um facto: comemora-se a passagem do ano. É como que um balanço unilateral da suação do espírito, com a inventariação exclusiva das parcelas positivas: alguma boa recordação do Ano Velho, todas as risonhas esperanças do Ano Novo.

Mas se as recordações de 1956 são muitas — e muito mais será risonho o que é legítimo esperar de 1957?

Foi-se um, que era bissexto. Veio outro. Que apresentação nos traz?

No íntimo alguma poderia ser recebida com maior pena por quem se interessasse pela sorte dele do que aquela de ter nascido, sob o signo de Marte.

Se Marte é o deus da guerra, tanto basta para que nós — que já vivemos ou sentimos o frigor ou o rescaldo das duas maiores lutas da história da Humanidade; que vimos abalar-nos a saúde, a economia e o bem-estar de povos guerreros e de povos pacíficos; que assistimos à chamada

(Continuação na 2.ª página)

### Pedimos

a todos os nossos assinantes residentes no estrangeiro, Ultramar ou localidades onde também não há serviço de coranças, a especial fineza de nos remeteram a importância das suas assinaturas, o que desde já muito reconhecidamente agradecemos.

(Continuação na 3.ª página)

## A propósito de Poesia

Por A. Santa Clara

A vulgar e corrente afirmação de que um aluno tem jeito para Letras e não o tem para Ciências, não corresponde a uma verdade; o que realmente se passa não é uma questão de jeito mas sim de gosto. É ao professor que compete criar este gosto, fazendo despertar a curiosidade do aluno e mostrando-lhe o lado inteligente da matéria que ensina.

Se o aluno é inteligente, sê-lo-á para todas as matérias de estudo. Assim, a conhecida aversão pela Matemática que existe em muitos rapazes que dão provas de raciocinar bem noutras disciplinas, não corresponde a outra coisa senão ao desinteresse desses rapazes por esse ramo de estudo que exige maior esforço de atenção em resultado do seu caráter abstrato.

Tudo o que se aprende está na Natureza e é-nos presente aos sentidos. As próprias imagens despertam interesse; o

(Continuação na 3.ª página)

## Vem aí o



Eng. Artur do Canto Resende

### In Memoriam

#### Ao Engenheiro Vídeografo Artur do Canto Resende

DO Sindicato Nacional dos Engenheiros Geógrafos recebemos uma rica publicação, integrada nas homenagens prestadas pelo décimo aniversário da morte do Engenheiro Canto Resende, considerado, postumamente, Herói e Martir da Pátria, durante a ocupação dos japoneses em Timor e condecorado com a «Torre e Espada».

Quem foi Canto Resende e que feitos mereceram tais galardões, diz nos exuberantemente o seu «In Memoriam» que é um repositório de artigos dos jornais, de conferências, de citações honrosas, de depoimentos de altas figuras da vida pública portuguesa e dos que no infarto e na miséria daqueles dias de trágica e odiosa escravatura que a gente lusa sofreu sob a pata nipônica foram seus compaheiros e assistiram à sua morte.

Os japoneses assaltando Ti...  
(Continuação na 4.ª página)

### «Diário Ilustrado»

ACABA de aparecer na capital mais um interessante Diário, que veio preencher uma velha lacuna em aberto na grande imprensa.

O «Diário Ilustrado» sai em Lisboa cerca das 14 horas e, no mesmo dia, é distribuído em todo o País levando por tanto as mais rápidas notícias a todo o Continente, pois a sua distribuição é feita por automóveis da própria organização.

Bem colaborado, com um magnífico aspecto gráfico, o novo vespertino tem imposto a sua simpatia e procura conquistar leitores através da grande profusão de reportagens que apresenta.

E' distribuído em Loulé, por cerca das 18.30.

### Rua da Carreira

Foram há dias iniciados os trabalhos de reparação e calcetamento do troço da Rua da Carreira compreendido entre as Ruas Padre António Vieira e General Gomes da Costa e portanto junto à redacção do nosso jornal.

Muito nos regozijamos com o facto, pois vem de encontro a uma premente necessidade desta zona da vila que, sendo das mais centrais, não está ainda convenientemente urbanizada como merecia.

Embora o arranjo não seja de carácter definitivo, como nos parece que deveria ser dado que esta parte da rua ficará agora com a amplitude delineada, é no entanto de enaltecer a decisão da nossa Câmara.

## O problema da Educação

Notas à margem de um artigo de A. Santa Clara

EM artigo publicado em «A Voz de Loulé» de 1 de Dezembro e repetido, por ter saído truncado, no número de 16 seguinte, discreto, o nosso prezado colaborador A. Santa Clara sobre o problema da educação, terminando com uma série de perguntas que podemos resumir: pela experiência quotidiana nota-se elevação do nível moral?

Tem havido progressos em matéria de educação, construindo-se uma consciência e um carácter? Existe alguma atitude idealista que permita afirmar supremacia dos valores do espírito? Somos mais honestos? O problema da educação será uma banalidade sem importância?

No próprio número de 16 de Dezembro, manifestámos logo o nosso apoio à tese de que tal problema tem uma importância crucial, abonando-nos até com a opinião do Ministro da Educação para quem, segundo o discurso que invocámos, a crise da educação parece ameaçar o Estado no seu melhor fundamento.

Mas logo afirmámos a nossa discordância quanto a alguns pontos de vista de A. Santa Clara e prometemos conversar com ele sobre isso.

Essa promessa era garantia de que os pontos de vista de A. Santa Clara não eram perfeitamente resumidas, constituem um questionário cujas respostas nos dão um panorama da situação educacional dos nossos dias, que, na verdade, não é satisfatória.

Infelizmente não é possível dar respostas positivas francas à primeira, segunda e quarta, em que, em boa medida estamos de acordo com o articulista, mas não é aí que está a nossa discordância fundamental.

Pelo que nos é dado observar e ler, temos de concluir que a crise da educação é uma das características da nossa época, não só no nosso País mas no mundo inteiro.

Onde discordamos de A. Santa Clara é nas premissas de que se serve e que desenvolve para chegar às conclusões com que, antecipadamente, responde, às perguntas que nos põe e, consequentemente, na causa a que, sim e não, atribui a falta de educação atribuída às novas gerações.

A. Santa Clara apresenta dois factos, um ocorrido em 1918 e outro vivido em 1956, para ilustrar o ambiente educativo das duas épocas.

Em primeiro lugar os dois exemplos não nos parecem inteiramente felizes ou equiparáveis e, em segundo lugar, a anotação incisiva feita a cada um não se nos figura procedente.

A atitude de firmeza da Companhia do Colégio Militar, deante do pânico que fez dispersar o cortejo fúnebre do presidente Sidónio Pais, parece ter sido uma exceção, o que A. Santa Clara reconhece ou tem de reconhecer, ao afirmar que só essa formatura e a dos soldados ingleses da escolta à respectiva bandeira se mantiveram impecáveis, enquanto tudo o mais fugiu «atropelando-se, arronbando portas e estilhaçando m...».

Estamos convencidos de que hoje, em idênticas circunstâncias, os actuais meninos da Luz manteriam idêntica compostura.

Cremos, no entanto, que hoje tem aula de Moral e que tudo o mais que em 1918, fugiu, atropelou, arronbou e estilhaçou... não tinha tido aula de Moral.

O comentário de A. Santa Clara ao apropria da sua Companhia «neste tempo não havia aula de Moral» não é portanto, muito cabido, como conclusão, ou melhor como insinuação para forçar certa conclusão.

(Continuação na 4.ª página)

## ANO NOVO

### Palácio de esperanças

Por falha de revisão, não foi mencionado no nosso último número o nome do conceituado colaborador deste jornal sr. Sebastião Leiria, autor do artigo acima referido.

## BAILE

### na Sociedade Filarmónica

#### Artistas de Minerva

Domingo, dia 13, realiza-se nesta popular Sociedade da nossa vila mais um animado Baile, que certamente decorrerá, como os anteriores, num ambiente pleno de mocidade, música e alegria.

Rádios PHILIPS  
Grandig  
Schaub  
SIERA

LUSTRES

Os mais finos e  
lindos modelos

FOGÕES  
A GAZ  
AS MELHORES  
MARCAS

PRODUTOS

B P

Electro-Rádio  
LOULETANA, L. DA  
Av. José da Costa Mealha

**Marilis!**

Um conto da distinta escritora algarvia

Marisabel Xavier Fogaça

ERA triste, duma tristeza profunda e insonável a loira Marilis! Nos seus olhos, sempre enigmáticos e absortos, nunca brilhava uma chama mais viva; na sua boca vermelha, virginal, via-se sempre um ar de indiferença, de desespero, e os cabelos tão dourados, tão lindos como trigo maduro, apareciam revoltos, desordenados!

Nunca os seus lábios se abriam para sorrir ou deixar passar uma palavra, um gemido! ..

Parecia até, olhando aquela flor de olhos azuis, sonhadores, que ela não tinha coração! ..

No seu palacete erguido em escarpa rocha passava Marilis os dias, longe do mundo, da vida, olhando o mar tão calmo, uns dias, tão terrível outros, sem que o coração vivesse, palpita-se! Além do mar azul e da imensa montanha, a Marilis nada interessava. Nunca a sua vista se erguera ao céu, donde as vezes vinha aquela luz argéntea que iluminava os lagos do jardim, a saber quem mandara encher de luz a Terra inteira.

Nunca, olhando o céu, perguntou ao seu coração se aquela imensa abóboda que nos cobre, seria habitada, se em cada estrela pequenina e brilhante, haveria uma alma debrucada para nós!

Nunca, vendo o mar tranquilo beijando a praia, ou fúriamente se despedaçando de encontro às muralhas do castelo, perguntou a si mesma quem era Esse que tinha poder para criar e governar as águas.

Nunca, olhando a imensa montanha hoje coberta de neve, a manhã de flores de tão variegadas cores e perfumes, se interrogou a saber que mão divina era essa, que lançava sobre a terra aqueles flocos brancos, e que fazia dela brotar, vivas, palpitanas, florinhas humildes e árvores gigantescas.

Nunca aquela hora de sol-posto, naquela quietude das tardes de verão, em que parece que a nossa alma mais se aproxima do Criador, Marilis erguendo os mäos ao céu, inquiriu:

— Quem me criou?

... Morrera-lhe a mão quando era pequenina. O pai nunca o conheceu. Um velho criado mudo, era a sua única companhia.

E Marilis vivia, — se a isto se chama viver, — entre aquelas paredes alcatifadas que abafavam o ruído dos passos e o murmúrio da sua voz infantil que nas horas de mais desalento dizia baixinho:

— Mãe!

Passaram-se noites de prateado luar... dias cintosos nevróticos, tempestuosos e belos! ..

O tempo correu na sua vertigem, cega, e Marilis fez-se senhora.

Os anos porém não a modificaram nem contribuíram para lhe emancipar o espírito! Continuava extática, contemplando as aveiações brancas que vinham pousar-lhe nos ombros e a ouvir a música dolente das águas de mistura com o pipilar alegre dos passarinhos que voejavam em redor!

Mas um dia, baixinho, numa prece, num anelio, Marilis deteve o seu olhar profundo na imensidão celeste e murmurou:

Quem fez o céu, o mar, as aves, quem deu às águas a cor dos meus olhos, quem fez o sol que vem beijar-me às vezes, quem fez a Terra de que não vejo o fim, quem fez as flores, tão lindas, do jardim, quem tem poder para governar os astros, que mão divina omnipotente faz com que no lago o coxar das rãs se venha juntar ao marulhar das águas numa confusão encantadora?

Quem me levou a minha santa mãe, quem criou o meu coração e a minha alma, quem me criou?

... Ninguém lhe respondia. Só as aves tornavam mais brilhante o seu cantar e o mar mais manso, mais quieto vinha beijar-lhe os pés! ..

— Quem? ..

Numa angústia, num anseio, numa inquietação, madrugada ainda, Marilis vinha correndo junto da costa, descia até ao vale, despertava os passarinhos ainda adormecidos, para lhes perguntar:

— Quem?

Naquele dia um sol escaldante inundava a terra duma luz estranha, divina!

Marilis, de cabelos estendidos, de túnica arregaçada, desce apressada a encosta do monte, vem, onde nasceu, sabem quem é Esse artista que dá vida às plantas, ao céu, a tudo! ..

Chega às margens debruçando-se para lhe perguntar docemente quem lhe ordena aquele correr constante, qual o seu princípio e a sua fim, porque não tem ele a fúria do mar e o mistério das ondas, porque se detém numa pedrinha para logo a transpor..

Inclina-se mais! Debruça-se.. Sen- te a água envolvela, acariciá-la..

Mergulha pouco a pouco.. desaparece...

... E o rio sempre alegre, agora ainda mais, lá vai correndo, arrastando consigo aquele precioso fardo!

Uma comoção forte, um desfalecimento, e Marilis entregue à mercé da corrente está prestes a afogar-se...

... Chega aos ouvidos de Marilis um vago rumor de vozes, e às narinas um suave aroma de romântico! ..

Uma claridade diáfana coa-se pela janela semi-cerrada e vem bater por

(Continuação na 4.ª página)

**AGÊNCIA PENINSULAR  
de VIAGENS E TURISMO**

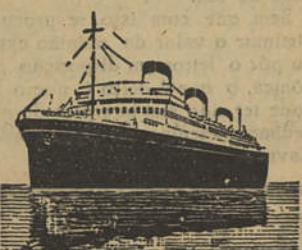
Rua Conselheiro Bivar, 58 — Telefone 216 — FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, África, Américas  
do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas  
as Companhias.

Obtenção de passaportes  
e vistos Consulares



**Se a sua máquina de  
Escrever**

Necessita ser

Reparada

Limpada

Lubrificada

Deve confiá-la ao técnico habilitado

**Joaquim Mariano**

Rua Frei Joaquim de Loulé, 34

LOULÉ

Ano Novo

Um ano mais  
a despertar para a Vida..

Uma Vida que é tudo  
dum número astronómico  
doutras vidas de coisas e pessoas

Sobem no ar mil anseios  
interrogações?????  
e os homens vislumbram  
um porvir de ilusões...

E no mar do Tempo  
o Barco inicia a jornada  
rumo ao Futuro..

... para uns será pobre jangada  
para outros potente navio.

E o Mar?  
Pintar-se-á com todos  
os adjetivos do vocabulário.  
Será caminho de rosas..

Será vereda de esperanças..

Será .. e é tudo  
o que dele, os poetas,  
podem agora cantar...

Casimiro de Brito

## Automóveis

e todos os veículos motorizados  
Para compra ou  
venda tratar com Basílio  
do Nascimento.

Rua da Barbacã, 24 —  
Loulé.

**Tem o chic de  
PARIS**  
E a TÉCNICA DA  
SUISSA  
OS RELOGIOS CAMY

Agência em LOULÉ  
Laginha & Ramos, Lda.  
Telefone 69

## Loulé

### (CONCLUSÃO)

sua arte, perfeitamente integrada num mundo que foi feito para servir de palco, onde os homens e os verbos se movimentam numa ligação eterna e inconstante.

Por tudo, isto, Charles Chaplin, é quanto a nós, o maior artista do nosso tempo. O maior Homem-Artista do nosso tempo.

### Abandono :

Vai-te Poesia  
Deixa-me sózinho  
Dentro da minha angústia  
Que já não curas ..

Vai-te Poesia  
Deixa que eu sinta a vida  
Tel como ela ..

Deixa que eu sinta a miséria  
Que já não ocultas  
Ao negro dos meus olhos ..

Vai-te Poesia  
Deixa-me nas trevas  
Que a vida me impõe ..

Porque eu... Oh! Poesia...  
A's sombras misteriosas da noite  
Quero juntar  
E baralhar  
A luz ofuscante do dia...

### Pedaços do passado :

Nem o nevoeiro brumático do tempo, oculta os dias distantes do paup出去 entre a mão ágil e gaiata e o bichano, negro ou branco, talvez sem cor definida, mas concretiza sem pecado nem culpa.

A rua escura e estreita (não foi no Bairro Alto, foi aqui em Loulé...), lá onde os magros raios da lâmpada de 15 magras velas quase não chegam algo suja e despoliciada, era o campo de ação ideal para talis selvagens lá vai indio: só perdoável aos "cow-boys" de palmo-e-meio que éramos então, e que são outros agora. A "pandilha", dos alegres e bem dispostos (sempre), tão liberdade de ação, sem o perigo das emboscadas nos desfiladeiros que nós conhecemos tão bem de pequeno (como ele cresceu de lá para cá) éram, onde os bichos e os homens, as pernas de mulher e de piano, as coisas mais diversas se reunem, gestularam, quereram e amaram, para divertir os pobres mortais, (mortais, portanto pobres) que, cansados das duras cadeiras nos múltiplos escritórios, procuram esta "beleza de espírito" que são as poltronas de X escudos, e tudo o que se pode ver, ou observar, das poltronas de X escudos. E' que não há dúvida que o que passou é para se esquecer. Como o magnífico "The River" de Jean Renoir:

O dia acaba e o fim começa..

O dia acaba e o fim começa...

(para mim é um eco a que não posso fugir).

Porém não posso. Não posso ainda que o queira, esquecer o tempo valente do pau entre a unha, na mão ágil e gaiata. Nem o brilho estranho, azul satisfeito, sem realidades de vida, nos olhos de criança. O brilho só é ao mesmo tempo satisfeito, azul (este é outro) e estranho nos olhos de criança..

Culpas? Que diabo, haverá esse direito? Té-lo ei? Não, não as têm. Elas não as têm. Para mim têm sempre razão. Sempre.

E a cortina do tempo, desta vez não cai para o chão. Não, nem jamais cairá. Rebolou, rebola, rebolará, pelos indecifráveis labirintos da memória. E essa não passou..

Ah! o pecado e a culpa não são palavras do vocabulário criancil... E era tão bon... Lembras-te Teixeira? E tu Jorge?... E vocês todos, mogos da minha rua de então?..

... para uns será pobre jangada

para outros potente navio.

E o Mar?

Pintar-se-á com todos os adjetivos do vocabulário. Será caminho de rosas..

Será vereda de esperanças..

Será .. e é tudo o que dele, os poetas, podem agora cantar...

Casimiro de Brito

## PRODUTOS

B P

## “AMAZONA”



O café que todos preferem

O mais puro

O mais delicioso

Preparação especial de

**Manuel Leal Farrajota**

Telef. 125

LOULÉ

## CURRENTES CALAMOS

## SOB O SIGNO DE MARTE

(Continuação da 1.ª página)

guerra-fria dos últimos dez anos, iminência da maior hecatombe jamais imaginada — tanto basta, repetimos, para que nós sintamos, justificadamente, um profundo estremecimento.

Ao Mundo, atónito e revolucionário, dos nossos dias, chega um ano em particular dedicado ao deus Marte. Se até agora, abolida a verdadeira Paz, havia guerra e tréguas, piorando as coisas, só posso ver que fiquemos com guerra e guerra.

Terrível vista microscópica ésta de toda a desolação que vai pelo Mundo.

Passam as Hungrias, as Argélias, os Canais, os Chipres — tanques, bombas, metralhadoras, emboscadas, arame farpado, luto e dor. Uma multidão imensa, alucinada, correando para o precipício, pelo caminho rubro dos que, negando Deus e a Família, negam a Pátria e se negam a si próprios.

São os homens embalando brutalmente uns contra os outros, os mais fortes esmagando os mais fracos, porque, a estes, ajudar não querem os que podem e não podem os que portavam poder querer.

E', em pleno século XX, «a lei do mais forte», a tampa nos pergaminhos patinados e quebradiços das flatulentas boss intenções dos políticos... cujos timpanos não tere o troar dos canhões.

E continua Marte a trazer-nos graves males porque, assim falavam os antigos, «por sua péssima natureza é inimigo da pessoa humana». Por isso dizem os velhos Lunários que cos-

Há um momento para tudo E' só questão de saber esperá-lo e de saber conhecê-lo.

R. Gesmo

## CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, quarto de banho e horta com água tirada a motor

Esboços Indefinidos

## Orgia Meiga

Postal da Praia da Rocha

**H**ORA do meio dia! O Sol no Zenith canta as mais gloriosas estrofes de oiro do seu pôr-de-luz, em louvor do Algarve.

Dir-se-ia dele uma ribalta incendiada, em toda a sua intensidade, para dar toda a luz, toda a grandeza de efeitos ao cenário da Praia da Rocha, morena mourisca, folclórica, no seu traje impressionista, em cuja saia se desenhavam as 7 cores do arco Iris.

Ao fundo o oceano franja de espumas os mais invulgares instantâneos, estudando qual das rendas melhor se coaduna à aplicação das suas vestes.

A sua epiderme jurássica, quase «tambuchu», perguinava pela areia as suas formas quentes de meridional, no seu temperamento amolecido de sônhadora.

Ao alto, como se a visão do seu sonho lânguido se corporizasse, recortam-se as silhuetas caprichosas dos «chalets», que são castelos da sua fantasia.

Os seus «olhos» cegos da projecção do Sol, cravam-se no azul do mar, cerrando-se para melhor sonhar o poema dos dois azuis, que se cozem na linha horizontal ...

Ao fundo da arcaria mourisca — da abóbada imaginária — vogam barcos com as velas incrustadas de metálicos Rafaelinos, lembrando císnas de jaspe e oiro, postos a flutuar para o sol da Rocha.

O mar sereno, de trajo solene, mui-to azul, bofes e punhos de renda num admirável imagem fidalga do século XVIII, tem a expressão dos cor-tezões de antanho, sem uma ruga sequer. Apensas um leve coro de marinheiros nos lábios aprendido com Puccini, e que ele trouxe como canção de amor como madrigal à sua «Butterfly» do Ocidente.

Sol e Mar querem-na, disputam-lhe o amor... Apolo e Neptuno estão em causa.

O Sol, poderoso, gritante, espetacular, declamando metáforas de luz que aquecem, acariciam, enlamecem; o Mar mais perto dela, mais fagueiro, desdobrando setins e rendas, a seus pés, como um navegante que dos Orients regressou com o seu galeão recheado de preciosidades.

De olhos cerrados, a Rocha, sonha a canção do mar e adivinha o poema do Sol, estirada no fofo cochin das areias brancas, como uma oriental das mil e uma noites, como uma moira cativa da velha Chelb, como Gilda sonhando a visão nórdica das amendoiras floridas numa apoteose de neve...

Vem a hora do poente sanguineo. Vencido da sua rota, o Sol afoga-se na visão distante do mar, para deixar apenas os tons esverdeados, violaceos e rubros da sua saudade...

A Rocha deserra os olhos e vê, com tristeza, que de toda a poesia do Sol ficou a saudade — a noite.

Só o Mar, persiste, numa sonata ao luar, ora em orquestrações wagnerianas de walchiria, acossando os seus corcéis, ora em moderatos de Chopin, num Noturno delicioso e triste...

E a Rocha, insensível, parece esperar sempre o Sol, como Julieta esperou Romeo, enquanto o Mar a afaga, exausto do seu idílio, tal como Leandro vencido da travessia do rio para se entregar nos braços da sua amada...

E a paixão do Sol e do Mar dura há milénios, sem desfalecimento ou decisão...

E que a Rocha nasceu rocha-cárcaro jurássico — e por quanto seja e mais formosa das praias, não tem co-ração...

E uma Fherine autêntica, genial, bem delineada, esbelta, mas só isso... Eis como eu vi a Praia da Rocha.

Faro, 27-5-65

António Augusto Santos

fresca rapariga e, encaixilhada na porta aberta da sala, com o saco de café em grão, ainda aberto, uma bonita mulher um tanto pálida dizia: «tu, parteira não me tories hoje o café tanto; não vão eles pensar que estive para poupar a pólvora. A minha futura comadre é mendonhamente desconfiada, pensa sempre o pior das outras pessoas.

Afinal neste dia que mais me dá, mais meia libra menos meia libra? Olha lá, não te esqueças também de ter o doce pronto a tempo e horas. O avô era capaz de supôr que nem era um baptizado, se se não apresentasse um desses bolos aos padrinhos, antes de irem para a igreja.

Nada de economias, estás a ouvir? Na tijela que estás em cima do banco encontrares acafrão e canela; o açúcar está aqui em cima desta mesa, e ali tens o vinho, deita até te parecer, pelo menos meia dose a mais; num baptizado nunca deve haver a preocupação de poupar estas coisas.

É hoje que se vai celebrar o baptizado da criança; em casa a parteira desempenha agora tão bem as tarefas de cozinheira como antes os da sua profissão; mas tem de se aviá, se quiser estar pronta a tempos e horas, para preparar com um fogão tão pequeno os cozinhados que o uso require para estes momentos solenes.

Trazendo um volumoso pedaço de queijo na mão, chegou agora o dono da casa, um homem alentado; tirou de cima do banco luzidio um prato qualquer, pôs nele o queijo e ia a colocá-lo sobre a mesa de nogueira amarelo-torrado da sala. «Ora! Ora! Benz!!» — exclamou a consorte, uma bonita e pálida mulher — «muito se haviam eles de rir, se nós não tivessemos um prato melhor para o baptizado do menino». E foi direita ao armário envernizado de madeira de cerejeira, chamado Buffet,

## A propósito de Poesia

Por A. Santa Clara

(Continuação da 1.ª página)

seu estudo — observação e experiência — não é outra causa senão o resultado deste interesse.

Na Matemática, porém, dando o seu carácter abstrato, estas imagens não estão presentes aos sentidos, na sua realidade objectiva; é necessário um esforço de atenção para as criar no espírito. É na dificuldade de manter este esforço que reside o segredo da suposta falta de jeito para as matemáticas. O professor hábil e competente saberá criar essas imagens e com elas despertar a curiosidade e o interesse do aluno.

Eu conheci no ensino liceal, este facto, como aluno e também como professor, por experiência própria.

Mas voltemos ao que interessa. Apresento-vos o homem das cavernas, o troglodita, riscando na rocha a figura de um mâmute.

— Quem o mandou fazer aquilo? — Ninguém. Procede assim porque aquilo lhe dá prazer. A sua actividade é de pura sensibilidade. A pedra que ele escolheu não riscá na outra. — Porquê? O nosso homem das cavernas observa que há pedras que riscam nas outras e há as que não riscam. O seu raciocínio põe-se a trabalhar. Provavelmente o nosso homem leva muito tempo sem compreender a razão disso. Por fim comprehende; para riscar é preciso ser mais duro. Aqui temos em matéria de Arte a actividade da Razão ocupada num pormenor que diz respeito à Técnica. Mas em matéria de Ciência o troglodita fez uma descoberta, adiantando alguma coisa ao seu conhecimento.

Aquele homem tem um companheiro que pretende também fazer desenhos nas paredes da rocha. Esse companheiro é hábil em escolher as melhores pedras e até se aperfeiçou fazendo-lhes uma ponta mais cortante. Mas os mâmutes que desenha não se parecem com mâmutes. Aqui temos um progresso da técnica sem qualquer progresso na Arte.

— Isso que está aí não se parece com um mâmute! — diz o troglodita do lado. É claro que não se exprime desse modo. Mas enfim, seja como for, exprime-se; e a sua ideia é essa: Não se parece. Aqui temos o primeiro crítico de Arte. Qual foi o seu critério? Foi este: estar ou não parecido. E este, de facto, desde o troglodita até aos nossos

dias, o critério fundamental da obra pictórica.

Mas, é claro, muita cousa há a dizer ainda. Do troglodita ao surrealista vai uma grande distância; mas nesta grande distância, — neste período enorme há duas cousas que se mantêm como constantes: Sensibilidade e Razão. A diferença entre essas duas cousas consiste nisto: a Sensibilidade, quando cria a Obra de Arte, manifesta-se por necessidade de expressão, como acto voluntário; a Razão quando realiza a obra científica, manifesta-se por necessidade de entendimento, como acto espontâneo. Em Arte há criação; em Ciência há descoberta.

Quando o primeiro troglodita-círtico disse que o mâmute não estava parecido, raciocinou e a sua atitude foi um acto espontâneo, independente de sua vontade — um acto que resultou da observação dum fenômeno e dum raciocínio elementar. Foi assim que ele distinguiu também, dois mâmutes dum só mâmute, duas e três pedras, dum só pedra — isto é, foi assim que nasceu a ideia de número que iria influenciar depois todo o seu raciocínio. Estar parecido e não estar parecido; uma pedra, duas pedras — aqui estão já os dois conceitos de Qualidade e Quantidade, resultantes ambos duma actividade conjunta de Sensibilidade e Razão.

(Continua)

## Para evitar

estravios do jornal, pedimos aos nossos assinantes o favor de nos comunicarem a mudança de endereços e bem assim qualquer irregularidade na recepção do jornal.

(Continua)

## Transportes de Carga Louletana, L.



Largo Tenente Cabeças — Telef. 30 e 17

## LOULÉ

Para melhoria dos nossos serviços, transferimos a nossa sucursal em LISBOA da Rua Nova do Desterro, 35, para a

Rua de S. Mamede, 24 D. (ao Caldas)  
Telefone 22437

Todos os assuntos relacionados com esta firma só podem ser tratados com

Pires ou Sousa

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 2

## JEREMIAS GOTTHELF

## A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do alemão por E. Rocha Gomes

onde se apresentam as preciosidades da casa por detrás das portas envidraçadas e tirou dali um lindo prato com uma cercadura azul e um grande ramo de flores no meio, rodeado de frases sentenciosas:

Um petisco é um regalo,  
o pior é pagá-lo...

Deus dá aos homens a graça  
mas eu moro na desgraça.

O inferno é muito quente  
e o fogeiro é diligente.

As vacas comem erva  
o homem, come-o a terra.

Junto ao queijo uma enorme rosca, especialidade de Berna, entrelaçada como as tranças das mulheres, dum linda tonalidade castanha e amarela, feita da melhor farinha, ovos e manteiga, do tamanho dumas crianças de um ano e quase com o mesmo peso; e em redor ainda plantou dois pratos onde encastelou apetitosos docezinhos de aveia sobre um, e doces de ovos sobre o outro; no fogão havia creme espesso e quente, coberto

## «Loulé... em retrato»

**A**NO NOVO, vida nova! O dia de Ano Novo, passou-se com chuva.

Dia triste nas ruas, sem movimento, sem alegria esfusante, como seria natural.

Mas, intimamente, todos satisfeitos, todos alegres, porque o novo ano começava com aquilo que tanto faltara no velho: a chuva.

De facto o ano agrícola que passou, foi mesmo um ano bissexto. Há sempre a velha credo de que o ano bissexto é mau para tudo.

E até há quem tenha medo de se casar em ano bissexto ...

Não nos podemos esquecer de que Loulé, à um concelho essencialmente rural. São quase 52 000 habitantes na circunscrição administrativa, mas a população urbana da vila não excede, com a melhor boa vontade, 7.000 habitantes. E, destes, há ainda alguns milhares que vivem da agricultura, ou de indústrias ligadas à mesma.

Por isso, ás vezes, nos aborrecemos quando vemos ou ouvimos certos estrategas a quererem regular a marcha da vida do concelho, pela vida e costumes da vila.

Isso seria um consenso, pois não podemos subordinar os interesses e as necessidades de 45.000 aos de uma escassa minoria de 7.000.

Muitas pessoas que leem estas desataviadas linhas, só procuram descobrir nelas maldade.

Em geral, o que aqui se escreve poderia traduzir-se por humanidade e isenção. Mas, porque a maldade é muita, só se procura maldade, só se pretende descobrir maldade, só se com-

prende que é com maldade o que se escreve.

Outros, quando se fala num melhoramento ou necessidade premente para uma freguesia ou para o concelho, dizem logo: — «Não tem autoridade de falar, porque em tantos anos que o podia fazer não o fez!»

Oh! Santinhos! Então era possível fazer tudo? E se não se fez, ou porque não houve ocasião, possibilidade, digamos mesmo oportunidade, é que se há-de deixar de fazer?

Outra faceta muito em moda de atacar é a que se define por: «Isso foi começado há tantos anos e só agora é que veem que não está bem!»

Então o facto de ter sido começado há tanto tempo é que absolve o que está mal?

Se está mal, está mesmo e há que corrigir, tenha começado hoje ou há muito, porque pode haver muita coisa que estivesse mal e não se tivesse dado por isso, não fosse oportuno mexer-lhe então, ou até porque o mal não seria tão irritante ou visível.

Estas facetas da vida de Loulé vêm a propósito do Ano Novo.

Oxalá, este ano, traga mais fartura, mais paz e concórdia às almas desavindas, possa tornar mais limpa, mais sá e mais pura a boa vontade de servir e auxiliar o bem e o progresso do concelho, factor comum a que devemos sacrificar ódios, más vontades, despeitos e tantos outros vícios, quantas vezes injurificados, e que só se explicam por interesses particulares feridos.

Reporter X

## VENDE-SE TERRENO

Autorizado para construção, na Avenida Marginal em Quarteira.

Tratar com Isidoro Martins dos Santos, em Quarteira ou Loulé.

## INGLÊS

Pessoa diplomada por Cambridge dá explicações.

Informa Telefone 244-LOULÉ.



## CANTINHO das LEITORAS

Prezadas Leitoras:

Dórávante terceis neste jornal «O Vosso Cantinho».

Embora modesto, osso esperar que ele mereça a vossa boa atenção, pois representa o grande desejo de «A Voz de Loulé» vos ser agrada vel... e alguma coisa útil.

Neste intuito procuraremos preencher-lo o melhor que pudermos e soubermos.

— Abordaremos assuntos que vos digam respeito [que vos interessem]; dar-vos-emos múltiplos conselhos; ensinaremos coisas da vida caseira e... E até falaremos das encantadoras futilidades que se prendem com a Moda.

— Claro que contamos com a benévola boa vontade (magnanimação, generosidade) das Leitoras para nos perdoarem, se a escolha e a «armadilha» dos assuntos no Vosso Cantinho não vos agrada plenamente...

Aliás, neste caso, poderiam dar-nos uma sugestão que muito agradaçemos...

Uma sugestão... ou várias (muitas)... Pois que, sendo este Cantinho das Leitoras, não deve só a apena no nome...

— Que é como quem diz: Ficamos aguardando a vossa preciosa colaboração...

Entretanto e para começar permitem-nos que façamos três recomendações, extensivas a todas as mulheres, indicando as coisas com que se deve parecer e não parecer:

1. — A mulher deve parecer-se com o caracol que está sempre em casa. Mas não deve parecer-se com ele, que leva em cima de si tudo quanto tem.

2. — Deve parecer-se ao eco, que não fala antes de interrogado. Mas não deve parecer-se a ele, que é sempre o último a falar.

3. — Deve parecer-se ao relógio da torre, que anda sempre certo. Mas não deve parecer-se a ele, cujo balar seouve por toda a parte.

## Os olhos das mulheres

Há tempo uma revista francesa feminina, lançou um concurso sensacional que visava a apurar qual o ol

## florescem já as Amendoeiras EM LOULE'

São poucas ainda — e as flores ainda tímida-  
mente mal desabrocham — mas já a sua rósea bran-  
cura se destaca e prende a atenção — emprestando  
aos arredores da vila — onde as vimos — a festi-  
va graciosidade do mais sugestivo Cartaz algarvio...

## Notícias Pessoais

### Aniversários

Fazem anos em Janeiro:

Em 16, o menino Carlos Alberto Simão Maio e a menina Maria Amélia Coelho Guia, residente em Grandola.

Em 17, a sr.ª D. Florinda Maria Aleixo de Sousa, os srs. José Manuel Ferreira e Manuel Sérgio Viegas Gago e a menina Maria Sofia Pacheco Magalhães Pinheiro, residente em Faro.

Em 25, a sr.ª D. Maria Tomaz Sequeira da Silva e o sr. Padre João de Jesus Martins.

### Casamentos

No pretérito dia 6 de Janeiro, realizou-se na Igreja de S. Lourenço (Almancil) o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Florinda Aleixo de Sousa, prendada filha do sr. Francisco de Sousa e da sr.ª D. Maria da Piedade, com o nosso prezado assinante sr. José de Freitas Gabriel, conceituado comerciante da nossa praça, filho do sr. Joaquim de Sousa Gabriel (falecido) e da sr.ª D. Maria das Dores Freitas.

Apadrinharam o acto por parte da noiva, a sr.ª D. Maria das Dores Freitas, mãe do noivo, e a sr.ª D. Piedade Agostinho Faisca, tia da noiva, e por parte do noivo, o sr. Manuel Farrajota Martins e o sr. Joaquim Guerreiro de Freitas.

Em casa da noiva foi servido um fino copo d'água, aos numerosos convidados.

No passado dia 6 do corrente, realizou-se em Monchique, o enlace matrimonial das sr.ª D. Maria de Jesus Medronho, filha do sr. José Inácio Medronho e da sr.ª D. Margarida da Conceição, com o nosso conterraneo e prezado assinante em Portimão sr. Isidro Gonçalves Calço, filho do sr. Manuel de Sousa Calço [falecido] e da sr.ª D. Maria Francisca de Brito.

Apadrinharam o acto por parte da noiva a mãe do noivo e por parte do noivo os srs. António Nobre Amado, proprietário, natural de Monchique e José Semião de Sousa, comerciante da nossa praça.

Depois do finíssimo copo d'água, servido em casa dos padrinhos, os noivos seguiram para Portimão, onde fixaram residência.

Os nossos parabens aos novos casais, com os desejos sinceros de uma perene lua de mel.

### Falecimentos

No dia 3 do corrente faleceu nesta Vila a Sr. D. Ana Rosa Matos Lima, de 80 anos de idade, viúva de José Guerreiro Matos Lima e mãe dos nossos estimados assinantes e prezados amigos Srs. Viriato José de Matos Lima, chefe de estação reformado, José Guerreiro Matos Lima, proprietário e Adelino Gonçalves Matos Lima, benquisto comerciante da nossa Praça.

O seu funeral constituiu uma profunda manifestação de pesar, pois a extinta era muito estimada pelas suas qualidades pessoais e dotes morais.

Em Setúbal, onde se encontrava em casa de sua filha D. Maria Cristina Gomes, faleceu a nossa compatriota sr.ª D. Rita Gomes Cristina, natural de Vila Nova de Cacela, esposa do sr. José Guerreiro Cristina, proprietário naquela vila, donde é também natural.

A extinta, senhora dotada de generoso coração, era mãe das sr.ªs D. Júlia Guerreiro Cristina Peres, casada com o nosso muito prezado redactor, o jornalista sr. Luís Sebastião Peres, distinto funcionário da Junta Central das Casas dos Pescadores em Lisboa; D. Maria Cristina Gomes, casada com o sr. José Gomes, Guarda Fiscal em Setúbal e do sr. José Guerreiro Cristina Júnior, funcionário da Junta de Freguesia de Cacela.

O seu funeral teve lugar no passado dia 6 do corrente, em Setúbal.

Com 53 anos de idade, faleceu no dia 28 de Dezembro em Lourenço Marques, onde residia há anos, o nosso conterraneo sr. Carlos Afonso Rodrigues, funcionário dos Caminhos de Ferro naquela cidade, e muito estimado pelas suas qualidades. Deixa viúva a sr.ª D. Maria da Encarnação Galo e era irmão dos srs. José, Manuel, e Aníbal Afonso Rodrigues, cunhados dos srs. José Guerreiro Santos Galo e Manuel Carapeto Melena, residentes nesta vila.

As famílias enlutadas «A Voz de Loulé», apresenta sentidas condolências.

## BAILE dos estudantes

Com o pedido de publicação recebemos da Comissão Organizadora a carta que a seguir transcrevemos:

*A Comissão do Baile dos Estudantes, em virtude de não poder agradecer a todos pessoalmente, vem por intermédio de «A Voz de Loulé», agradecer às seguintes entidades:*

*Em primeiro lugar à Empresa de Viação Algarve por todas as facilidades concedidas sem as quais não teria sido possível realizar o baile.*

*A Câmara Municipal de Loulé, ao seu Vice Presidente Sr. José João Ascensão Pablos e Secretário Sr. Dr. António Joaquim de Almeida, pela maneira gentil como atenderam os nossos pedidos.*

*Queremos também agradecer às seguintes sociedades:*

*Sporting Clube Atlético, Sociedade Recreativa Artística Louletana, Sociedade Recreativa União Marçal Pacheco, assim como à Junta de Turismo da Praia de Quartreira.*

*A firma Andrade & Barra, Lda e a todos os particulares que de qualquer forma contribuiram para o exito da nossa festa, cujo resultado financeiro foi o seguinte:*

RECEITA	
Baile	11.413\$20
Bar	560\$00 11.973\$20
DESPESAS	
Baile	3.668\$30
Ceia	3.196\$80
Bar	513\$10 7.378\$20
Saldo	4.595\$00

A Comissão

O produto líquido foi entregue às seguintes instituições:

Creche	3.130\$00
Cantina Escolar	500\$00
Hospital	500\$00
Assistência	465\$00
Total	4.595\$00

A Comissão

## 50 anos de Argentina

Em Agosto do ano findo celebraram o 50.º aniversário da sua chegada à Argentina o sr. António da Costa e esposa, D. Rosária Santa Rita, naturais do nosso concelho, ele da freguesia de Boleique e ela da de Querença, e que, ainda de perfeita saúde, contam respectivamente 92 e 77 anos de idade.

Embora residindo há meio século longe do País, aonde não tornaram, ainda não esqueceram a sua terra e por isso saudam, por nosso intermédio, os parentes e amigos que deles se recordem.

## Casamento

Para fins matrimoniais, deseja um português residente no Canadá, corresponder-se com menina de 16 a 22 anos de idade, com alguma instrução.

Dirigir correspondência para António Bica — Camp 51 Caramat — Ont. — Canadá.

Dirigir correspondência para António Bica — Camp 51 Caramat — Ont. — Canadá.

## In Memoriam

### No Engenheiro Geógrafo Altar do Canto Resende

*[Continuação da 1.ª página]*  
mor e considerando Portugal como inimigo, por «ter deixado», diziam eles, desembarcar tropas australianas e holandesas, cometeram as maiores atrocidades e latrocínios.

E então, que em nome dos portugueses, se agiganta uma figura — a do Eng.º Canto Resende — que assumindo o ingrato e difícil encargo de dirigente e responsável pelos destinos daquela gente, discute, luta, convence e embaraça em nome da Nação Portuguesa, os agressores estrangeiros, conseguindo deles notáveis concessões e a satisfação de algumas exigências que o nosso patriotismo impunha.

Morreu às mãos dos opressores, preso na ilha de Aler, contaminado por doença infeciosa, este grande Herói Nacional que bem mereceu as numerosas consagrações que lhe têm sido prestadas.

Ao nosso Ilustre conterrâneo sr. Dr. José António Madeira, Presidente da Direcção daquele Sindicato Nacional, as nossas efusivas saudações, pela forma elevada, digna e verdadeiramente brilhante, com que contribuiu para a publicação do «In Memoriam» e para o brilho da concatenação dos notáveis elementos que o constituem.

R. P.

## Casamento

Português, residente no Canadá deseja corresponder-se para fins matrimoniais, com menina de 16 a 22 anos de idade, com alguma instrução.

Dirigir correspondência para João de Lima — Camp 51 Caramat — Ont. — Canadá.

## Trespassa-se

Um estabelecimento de Mercearias, na Rua Serra Pinto, 27 e 29, em Loulé.

Quem pretender dirijir-se à morada indicada

## MOLEIRO

Precisa-se, que saiba trabalhar trigo em moimbo de vento.

Na freguesia de Alte, sitio do Azinhal.

Quem estiver interessado dirijir-se a João Ramos — Rocha da Pena — Salir.

## PIPAS

## Marilis!

*(Continuação da 2.ª página)*

sobre o pequenino leito onde está estendida.

As pálpebras, por um esforço da sua vontade, vão a pouco e pouco abrindo.

Onde está?

Nunca aposestado caiado de fresco, quase sem mobilidade, num feito humilde de ferro, todo branco, tam branco como os lençóis que cheiram a alegria...

Os seus olhos da cor do mar, seguindo a rasteira de luz, vão poussar-se numa imagem pura, sublime e imaterial.

Que representa?

Um menino de doces olhos imaculados e boca virginal, um menino descalço, de túnica nivea, de cabelos anelados circundados por um resplendor de luz e de claridade; aponta o céu com as suas mãos pequeninas...

E há tanta verdade naquele gesto humilde, que Marilis comprehende que é ali que habita aquele que dá vida aos seres, amor aos corações...

... Mas o seu êxtase é interrompido por uma voz meiga, infantil, uma voz sincera que murmurava:

«Meu menino Jesus que estás nos céus, que testive poder para criar o mundo, que és Senhor de tudo o que existe, fazei com que a Senhora que o Paizinho trouxe do mar se salve!»

Ressuscitava-a como fizeste a Lázaro; e se ela pecou, perdoai-lhe como a Santa Maria Madalena!

Marilis naquela prece fervorosa, encontra a resposta à sua alma.

E enquanto a criança continua, desce lentamente do leito e vem, num abraço acariciador, acabar com ela a sua oração...

...

... À noite, à hora em que a natureza se esconde toda num véu negro de tristeza e de escuridão, em volta da tosca mesa de pinho da casa do pescador, Marilis sorri docemente para o velho lobo do mar que a salva da corrente e acompanha devotamente a oração de graças a Deus que está no céu, à pequenina filha do seu salvador!

E decorridos dias, quem passa por ali veria o mais belo quadro que Deus pôde criar.

Uma criança, humildemente vestida junto a uma senhora fidalga, ensinando-lhe e explicando-lhe o «Pai nosso que estás nos céus».

Meses volvidos, a casa do pescador foi abandonada.

E no rico palácio de Marilis, no lugar de honra, colocada a humilde imagem de Jesus, que fizera o milagre da sua redenção!

E enquanto do céu desce o agradecimento de Deus, Marilis num abraço amigo, junta os seus salvadores, leva-os consigo, e reparte com eles, em nome de Deus que só hoje conhece, o ouro amealhado nas artas do castelo!

Desde então em letras de ouro, à entrada do Parque, lê-se esta frase que define bem a verdade do sentir de Marilis:

Só hoje, que conheci Jesus, comecei a viver...

Marilis Xavier Fogaça

## Alfarrobeiras

Cedem-se alfarrobeiras que sobraram de viveiro. Tratar na Farmácia Pinto — LOULÉ

## Diário

### Dois Artistas:

CHARLES Spencer Chaplin e Pablo Picasso, são, segundo muitas e abalizadas opiniões, os dois grandes artistas do nosso século. Da primeira metade do século XX, melhor. No entanto, há uma dificuldade especial na eleição de um deles para o posto, chamemos-lhe assim, de maior artista contemporâneo.

Mas de maior importância que a discutibilidade de qual deles, há a considerar a discutibilidade da obra deles. A suma importância deste tema, só por si necessária para preencher várias colunas de jornal, deve considerar-se a partir dum ponto: qual das obras — a de Picasso ou a de Chaplin — é mais comunicativa? Qual delas, é mais humana? Qual delas é mais simbólico? Mais vida? Mais expressão?

Não pretendemos resolver este problema, que, além de ser um pouco complexo, deve ser e pode ser observado de diversos pontos de vista. A particularidade de Picasso ou de Chaplin suscitaria milhentas particularidades de observação exterior. O mesmo indivíduo pode mudar a sua opinião de um momento para o outro.

Porém, quanto a nós, a evidência neste caso comparativo, vem à tona. Chaplin (ou Charlot) é um Homem com raízes no mundo que o rodeia, no nosso mundo afinal. É um Homem integrado, perfeitamente integrado no seu mundo, que é o mundo de todos. Um mundo que ele ama, porque sente que lhe pertence. Esse mundo que ele, Simbolo de homens, interpreta à sua maneira, partindo do seu próprio sentir e as emoções, e o seu afinal o sentir e as emoções, e o seu Ser de todos os homens do mundo. Desse homem que apesar de tudo são irmãos, ainda que às vezes o não pareçam. Charlot é o artista verdadeira e genialmente artista, porque não se pertence. Porque acima dele está a

(Continuação na 2.ª página)

## A Casa do Povo de PADERNE

### prestou homenagem ao Sr. Delegado do I. N. T. P. de Faro

NO pretérito domingo, dia 6, realizou-se na Casa do Povo de Paderne uma interessante Festa, durante a qual os seus dirigentes, associados e a população homenagearam o Sr. Delegado do I. N. T. P. de Faro.

Da Mesa de Honra faziam parte, além do ilustre homenageado, a sr.ª Dr.ª D. Nidia Ferreira Neto, Delegada Distrital do S. A. F., o President